

THEREZINHA LEONY WOLFF

Por: Fahena Porto Horbatiuk

Embora fizesse frio, final de outono, dia 2 de junho de 1935, pela estreita abertura da janela, de uma casa, na rua Conselheiro Mafra, entra no quarto uma cortina luminosa, com tons azul-celeste, acompanhada de um coro musical leve, como de anjos. A mãe, Linda Montecelli, encantada, atribuiu à recém-nascida essa visita. E começou a perceber que a pequenina era linda e parecia feliz, com que o pai, Valentim Varacoski, concordava. Era a primogênita do casal (mais tarde, viera-lhe uma irmãzinha).

Não demorou e as flores e pássaros, sob o anil do céu, voltaram a criar o cenário em que o bebê vislumbrava o paraíso que a aguardava. Já no balbuciar e sorrir, acalentada nos braços maternos, com cantigas suaves, demonstrava gosto pelo ritmo e o tom claro de suas tentativas de fala.



Cresce entre amigas e vizinhas de sua idade, brincando de tudo que podia: pular corda, bete, estátua, amarelinha, passar anel, cirandas, passa-passa gavião, etc. Só alegria. Enquanto a mãe trabalha e canta, Therezinha lê e relê Monteiro Lobato, Tesouro da Juventude, Castro Alves, Bilac, Raimundo Correia e outros.

Lá pelos 10 anos de idade enfrentava um palco de rádio, em programas infantis de auditório, com cantos e declamações. Considerava fabuloso poder participar. Faz seus estudos: Jardim de Infância – Santos Anjos; 1.^a a 4.^a séries e Ginásio Normal Regional – Balduino Cardoso; Magistério – Escola Normal Professora Amazília. Torna-se uma jovem altiva e bela, liderança entre as colegas. Vêm as festas e bailes, o namoro e o casamento.



Therezinha e o esposo, Ivo Hercílio Wolff, estreitaram amizade com os artistas de seu tempo, como Amadeu e Helena Bona, Yvonnich Furlani, Felício Domit, Eurico Capriglione, entre outros. Formaram um grupo que cantava em casamentos e em promoções beneficentes, o que dava a sua vida enlevo e alegria. Nesse ínterim, torna-se professora (graduando-se em Pedagogia pela Fafi - Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de União da Vitória), cheia de idealismo, tanto que, como Diretora no Colégio Casemiro de Abreu, em Porto Vitória, naqueles tempos difíceis, resolve levar os formandos de 8.ª série para conhecerem o mar, e outra turma, a Foz do Iguaçu. Professores, junto com Therezinha, viam florir o futuro da Pátria, naqueles jovens do interior. Igual dedicação mostrara ela ao trabalhar com a alfabetização de adultos, trabalho que lhe propiciou experiências como Supervisora em todos os municípios do litoral paranaense. Recebeu o primeiro Comboio Cultural em Paranaguá, e pôde congrega a comunidade para programas culturais diversos, com música, canto, dança declamação, exposições (tertúlias).

Nem família, nem trabalho pesavam. O ânimo era de leveza e de ação confiante. Uma vez aposentada, entra quietinha em sua casa, como a indagar a si mesma a que se dedicaria dali em diante. Estivera em Curitiba por 13 anos, buscando manter a família reunida, durante os estudos em curso superior dos filhos, Kátia, Ivo Júnior e Fernanda, tudo compatibilizado com o trabalho de seu amado, na Caixa Econômica Federal.

Nisso, lembra-se da imagem da nuvem sonoro-luminosa que, segundo sua mãe, trazia-lhe talentos e, talvez, missão. Olha para o horizonte e lhe vêm à mente: crianças dançando ballet, exposição de telas, esculturas, objetos raros, antigos, dos tempos do início de vida em Porto União da Vitória, antes da rápida evolução das tecnologias, pessoas amigas com quem criara fortes laços de amizade, eventos culturais e patrióticos. Ficou-lhe claro que deveria voltar de Curitiba para sua terra, e colocar a vida à disposição das artes e da cultura.

E as oportunidades não faltaram, basta ler seu vasto currículo, que, por trás das palavras, guarda vida em abundância: a sua e a da comunidade, fortemente imbricadas. Altiava, generosa, positiva, com certeza, passou dificuldades, sofrimentos e injustiças, que soube superar, por ser quase nada num dos pratos da balança, em que o outro transborda bênçãos, carinho, gratidão e amizade.